

Melhorando a Qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

Carta aos Criadores Brasileiros

Prof. Dr. Emerson J. Prates
Juiz OBJO/FO

Antes de retomar a escrita dos artigos sobre melhoramento da qualidade dos periquitos ingleses, vou esclarecer algumas questões importantes através deste artigo que tem como subtítulo “carta aos criadores brasileiros”. Vou abordar questões técnicas, porém, percebi a necessidade de esclarecer algumas percepções pessoais também.

Quando alguém escreve acaba sendo alvo de críticas e comentários o que percebo como algo natural, principalmente conhecendo a cultura brasileira. Quando se fala em cultura não se deve afirmar que uma é melhor que a outra, apenas que é diferente e única. O Brasil foi colônia exploratória de Portugal e paga um preço até hoje por isso. Temos a tendência de admirar e achar que tudo que vem de fora é melhor. O gosto pela música norte americana, é um exemplo disso, apesar de estarmos mergulhados em um universo de língua espanhola e o Brasil é o único país de toda a América Latina que fala português.

Escrever é um desafio para qualquer pessoa e depende de longos anos de prática. Infelizmente nosso país ainda não valoriza a educação e a aprendizagem e esse é um dos motivos para que a maioria das pessoas tenham dificuldade para expressar suas ideias através da escrita. A língua portuguesa é uma das línguas mais difíceis de se aprender no mundo. Isso explica a dificuldade em dominá-la.

Uma das formas de enriquecer a escrita é ler, entretanto, as estatísticas mostram que boa parte da população brasileira não está habituada ou simplesmente não gosta de ler. A própria leitura, mesmo de romances, não é tarefa fácil quando o vocabulário é coloquial (aquele que se fala no dia a dia). Lembro que o Sr. Antonio Nilo de Oliveira, falecido criador de aves, que além de grande amigo, foi como um segundo pai para mim, costuma recomendar “ler” dicionários nas horas vagas (imagina a loucura disso para nossos filhos hoje). Mas, foi assim que rebusquei meu português ao longo do tempo.

Agora se o trabalho da pessoa exige que ela domine a língua portuguesa, seja para falar ou escrever, como é o caso de um professor universitário, isso obriga a ler. É uma grande vergonha posicionar-se frente a uma turma de alunos de terceiro grau e cometer erros de português. Seja ao falar ou escrever.

Saber escrever não faz uma pessoa melhor

que a outra, apenas facilita a comunicação de ideias. Valores pessoais, ética, bom caráter, isso sim faz grande diferença em qualquer meio social. Cada pessoa é única e vai se comportar e cultivar sentimentos de acordo com a forma como foi tratada desde a infância, seja pelos pais e/ou pessoas com quem conviveu desde cedo. Vai seguir modelos com os quais se identificou durante a infância. Um psicólogo entende muito bem disso.

O meio ornitológico é por natureza competitivo e não tem como ser diferente. Pessoas atraídas por esse meio possuem perfil psicológico voltado à competição. Os criadores pouco competitivos se sentirão menos atraídos por torneios e preferirão criar suas aves isolados dos demais. Infelizmente, pagarão um preço alto por isso, pois, cada novo torneio permite aprofundar o conhecimento técnico do que é exigido para classificar as melhores aves. Outro ponto fundamental é o prestígio alcançado pelos criadores campeões. O que acaba agregando valor as suas aves campeãs e ao plantel como um todo. Convém lembrar que mesmo aves medíocres de um criador renomado costumam ser mais valorizadas que aves excelentes de um criador que não participa de exposições.

Na realidade o grande “paradigma” ou se preferir, o “modelo” de qualquer tipo de torneio, sempre exigirá que haja um ganhador. Importante destacar que ninguém será um verdadeiro ganhador sem que haja um perdedor. A não ser que o criador participe de um torneio sozinho ou haja empate técnico.

Em mais de vinte e cinco anos participando de concursos seja como criador, juiz ou apenas como observador, percebi claramente que há pessoas que são mais ou menos competitivas do que outras, mas, todos se voltam para a competição. Para esclarecer melhor a questão basta perguntar-se: Quem deseja ser o perdedor do torneio anual? Quem sabe lidar melhor com a derrota? Quem quer ver todo o trabalho do ano anterior fracassar? Quem não quer ter retorno pelo menos a médio prazo de seus investimentos nas aves?

Pessoas com equilíbrio psicológico encararão a derrota como um desafio para melhorar ainda mais a qualidade técnica de suas aves. Oportunidade para fazer novos investimentos no plantel e ampliar seus conhecimentos. Seus espíritos competitivos os tornam persistentes.

Frente a uma derrota poderão ficar bastante

chateadas e até mesmo irritadas quando percebem que seus esforços de um ano todo de trabalho foram em vão (isso é normal). Que seu periquito preferido, que era sua esperança de obter primeiro lugar no campeonato, foi penalizado com rigor ou mesmo desclassificado (estava com as penas quebradas ou faltando, estava com sarna, faltava unha, os dedos estavam tortos, era cabeça suja ou mostrava penas de ninho na frente, entre outros defeitos graves).

Para estimular ainda mais a competição, há o investimento pessoal e financeiro. Altos investimentos são necessários para se ter um plantel de boa qualidade. Anos de paciência e persistência na montagem do plantel de periquitos. Disposição diária para cuidar das aves. Levar e trazer as aves de campeonatos que envolvem custos razoáveis. Dinheiro investido em aves, equipamentos e mão de obra se for o caso.

O bom senso do criador deve estar em primeiro lugar. Afinal fomos todos criados para agir como cavalheiros (digo cavalheiros porque nunca vi uma senhora desacatar um árbitro ornitológico) e por sermos bem educados, nosso mau comportamento em público só iria depor contra nós mesmos, tornando-nos impopulares, para não dizer coisa pior, apesar de nosso comportamento competitivo.

Inclusive, há diversos fatores que interferem sobre um julgamento. A condição geral de saúde de uma ave, se foram ou não treinadas previamente na gaiola de exposição. O tempo que permaneceram na gaiola no local de exposição. A luminosidade e a movimentação de visitantes no local. O estresse do deslocamento e do manejo na organização das aves para poder concorrer.

É necessário arrumar o colar dos periquitos e alguns criadores deixam para fazer isso algumas horas antes do julgamento (realmente há o risco da perda de penas, ao transportar as aves, caso esse procedimento for feito em casa antes de transportá-las). Esse manejo invasivo pode deixar as aves muito estressadas. Por outro lado, alguns periquitos ficam muito mal dentro da gaiola de exposição por não estarem adaptados com os comedouros, bebedouros (não conseguem se alimentar). A água fornecida no local pode desmotivar as aves a beber, principalmente se o criador oferece água mineral ou filtrada para as aves em casa e elas não estiverem acostumadas com o cloro.

Tudo isso interfere no julgamento e por isso que parafraseio meu amigo veterano criador e árbitro ornitológico, Sr. Carlos Roberto Foschiera, que sempre afirmava: “Julgamento é momento!” Sempre humilde em rever sua apreciação quando percebia que uma ave se aprumava na mesa depois de algum tempo. Foi com ele que aprendi que dependendo da situação se deve dar um tempo para as aves se ajeitarem depois de vir para a mesa. Via nos olhos desse veterano o respeito que tinha pelas aves ao manejá-las na mesa. Sempre afirmava que não se deve julgar nem rápido e nem devagar demais. Deixar os criadores acompanharem o julgamento e o raciocínio do árbitro (já que estão do outro lado da mesa e a luminosidade pode dificultá-los acompanhar o que está sendo detalhado no julgamento). Quero publicamente agradecer pela paciência que o Sr. Foschiera teve comigo nos meus primeiros passos na ornitologia entre 1980 e 1990. Muito obrigado Foschiera.

De qualquer forma, caso haja dúvidas sobre o julgamento, a melhor conduta do criador será tirar as dúvidas com o árbitro depois de finalizado o julgamento e a sós. Creio que nenhum Juiz se oporia a explicar a um criador o que poderia ser melhorado ou estava faltando na ave que não venceu.

Há uma considerável diversidade do padrão dos periquitos que vem a julgamento e existem muitas formas de defeitos e faltas. Isso se deve ao criador ter se preocupado mais com uma ou outra característica do padrão ideal. Ou mesmo as linhagens que formam seu plantel tenderem naturalmente destacar uma ou outra qualidade especial (creio que é isso que mais acontece). Há ainda a possibilidade de em um mesmo plantel os machos destacarem mais uma qualidade como largura da cabeça e as fêmeas destacarem outra como ombros, por exemplo, seguindo as características das aves que fundaram a linhagem.

Mesmo ao comprar aves de criadores campeões, ou renomados, ou ainda com o patrimônio genético do Sr. Daniel Lütolf, não há garantias de que o criador irá automaticamente produzir aves campeãs (nos pedigrees que examinei – pelo menos 30 nesses anos - não percebi que tenham sido feitos retrocruzamentos intensivos, o que sugere que a genética dessas aves se diluiu entre as demais). O que vai fazer a diferença será o trabalho do próprio criador no intuito de identificar os casais de periquitos que possuem combinação genética capaz de produzir campeões e ainda poder perpetuar essas características.

Apesar de todo esse marketing em torno do Sr. Daniel Lütolf, promovido por vários criadores, nunca vi no Brasil “nenhum” periquito com toda a qualidade de penas das aves do Daniel. O que estou afirmando pode facilmente ser observado, mesmo pelos criadores menos experientes, ao comparar as aves campeãs brasileiras e as aves de Lütolf, cujas fotos podem ser facilmente encontradas na internet no site do referido criador.

Embora, esteja fazendo uma importante análise, com objetivo claro de incentivar o pensamento crítico dos criadores. Quem introduziu aves do exterior no Brasil com o intuito de melhorar a qualidade do plantel nacional de periquitos padrão inglês, merece todo nosso reconhecimento como pioneiros.

Ao voltar mencionar a questão da multiplicidade de variações e defeitos. Lembro de ter participado de um campeonato em que inscrevi uma belíssima fêmea verde escura, grande, corpulenta, com ombros bem destacados, com grande comprimento e com belo formato de cabeça. Ela foi colocada em segundo lugar na série, perdendo para uma fêmea menor. Finalizado o julgamento perguntei ao árbitro, com naturalidade e respeito, o motivo dela não ter ficado em primeiro lugar. A resposta foi direta: “A fêmea tem a cara fina!” Tudo estava de acordo, frente limpa, plumagem completa, mas, a cabeça na frente era ruim (ela não tinha a distância essencial entre os olhos e a carúncula quando vista de frente). Isso acabava com o equilíbrio da ave. Foi um grande aprendizado para mim. Treinei minha observação em relação a esse importante detalhe do padrão ideal na época.

Imaginem torneios em que todos os criadores trouxessem periquitos grandões, porém, com cara fina? Ou todos inscrevessem aves sem ombros, com corpo fino em formato de “charuto”? As aves fossem “redondas”, com padrão estilo 1970? Ou todos os periquitos tivessem colares perfeitos com pintas grandes e redondas, máscara baixa, porém, as coroas fossem muito pequenas? Ou houvesse uma centena de periquitos cabeças sujas no concurso? O que sobriaria para o árbitro? Apenas escolher os melhores entre os piores (não pretendo, em hipótese alguma retribuir a grosseria de alguns criadores, entretanto, creio que seja importante ter uma noção da complexidade ou mesmo o “drama” que um julgamento pode se tornar e ainda terem noção da forma como um árbitro pode ficar de “mãos atadas” em algumas situações).

Imaginem agora o criador que se sagrou o campeão dos “cabeças finas” no regional, trazer suas aves para um Campeonato Brasileiro e lá perder para periquitos um pouco menores, entretanto, muito mais equilibrados. De quem será a culpa? Do nível técnico das aves? Do árbitro que julgou os periquitos no regional? Ou do criador que deveria ser menos apaixonado e muito mais crítico em relação as suas próprias aves?

Apenas vencer por vencer não vai melhorar o plantel de aves brasileiras. Um troféu de campeão que fica armazenando pó em uma prateleira ou é abandonado em uma caixa em um sótão é apenas um “mimo” passageiro, uma lembrança passada. O patrimônio genético de um campeão que conseguiu produzir descendentes, esse sim tem verdadeiro valor.

O criador também deve ter em mente que o manejo de suas aves desde o ninho vai interferir no julgamento que será realizado no futuro. É muito diferente um periquito que pousa naturalmente no dedo do criador em relação a outro que estava em um grande viveiro e foi posto pela primeira vez em uma gaiola de exposição no dia anterior ao julgamento. É recomendável que o criador permita suas aves voar, pois, desenvolverão maior musculatura e capacidade respiratória, tornando-se muito mais saudáveis, menos estressadas e ativas. Porém, o criador deve retirar suas aves dos viveiros e treiná-las nas gaiolas de exposição. Não pode exigir que a ave assuma postura correta na gaiola de exposição sem ter feito qualquer treino prévio, além é obvio dos grandes problemas que a ave poderá ter para adaptar-se a gaiola horas

antes do julgamento.

Como a ave deve ter penas buff duplo na cabeça, além do direcionamento ideal, caso não estiver devidamente preparada para exposição, não irá relaxar devidamente na gaiola. Ao não relaxar, também não mostrará toda a qualidade das penas da cabeça ou mesmo da plumagem de corpo. Ela poderá levar alguns dias para se acostumar na gaiola de exposição. Pergunto se isso seria um erro de julgamento do Juiz? A resposta é não. O Juiz não pode ser responsável pelo nível técnico inferior das aves e do despreparo dos criadores.

Digo aos criadores e até mesmo aos caros colegas árbitros de forma direta e sincera. Procurem não comparar um árbitro com outro em público, por qualquer motivo ou por qualquer meio (inclui-se aqui o facebook), isso é falta de ética e denota um enorme desrespeito e descaso com quem larga tudo para viajar e julgar.

Um árbitro ornitológico não surge do dia para a noite. São anos de estudo, aprendizado como criador, ensaio e erro em vários sentidos e uma busca pessoal por especialização, além é claro de muita persistência e paciência. Afinal ninguém nasce sabendo e não temos ainda cursos ou mesmo oficinas para formar ou atualizar juizes. Cada pessoa possui uma personalidade e isso interfere no estilo de julgar (mais lento ou mais rápido, sério ou extrovertido, quieto ou falante) apesar dos critérios serem os mesmos.

Caros criadores, não há gosto pessoal e nem subjetividade envolvidos na arbitragem, mas sim, condições muito diversas de julgamento e isso pode ocorrer em um único dia, da manhã para a tarde. Qualquer árbitro apesar de gostar mais de uma ou outra série ou cor, jamais vai eleger uma ave mediocre como vencedor só porque prefere mais os cintilantes normais que os cintilantes opalinos, ou prefere mais os violetas que os cobalitos, por exemplo.

Creio que no momento em que os criadores não ficarem satisfeitos com os procedimentos de julgamento de um árbitro, ou seu carisma pessoal, basta não mais convidá-lo para julgar (isso falo por mim).

Outro ponto que gera controvérsia é a cor dos periquitos. Os juizes europeus recomendam que se valorize também a cor dos periquitos além de todos os demais atributos do periquito padrão ideal. Afirmam que a ave com plumagem correta deve apresentar comprimento de buffs médios no corpo e ao mesmo tempo buffs duplos na cabeça. Um buff médio no corpo vai destacar melhor a cor ao mesmo tempo em que permite as penas voltarem ao seu estado anterior (arrumarem-se rapidamente), após a ave ser pega nas mãos.

O pioneiro desse novo padrão (buff duplo apenas na cabeça e buff médio no corpo) foi o Sr. Jô Mannes, criador alemão já conhecido de todos. Antes do novo padrão fixado por ele havia yellows (hoje raramente encontrados), buffs médios e buffs com comprimento homogêneo de penas no corpo inteiro, incluindo-se aqui, as penas da cabeça. Na realidade as primeiras aves inglesas não possuíam o que se considera hoje um bom direcionamento de penas da cabeça.

Essa exigência de que os periquitos adequados para a exposição possuam características de buff médio no corpo, gerou alguns anos atrás, uma severa crítica dos juizes europeus em relação

as aves do Sr. Daniel Lütolf nos torneios. As aves eram todas super buffs e apresentavam péssimo caimento da plumagem principalmente próximo as pernas (penas frisadas). Qual foi a reação do Sr. Daniel a essa situação? Criticou severamente os juizes? Não, apesar de manter aves tipo buff duplo, ou diria até triplo, seus campeões de exposição não mostram mais esse defeito. O Sr. Daniel teve o bom senso de “voltar atrás” em seu trabalho de fixação de penas longas e largas na plumagem dos periquitos.

Entretanto, se qualquer pessoa entrar no site do referido criador, verá aves “quadradas” (inclusive, até alguns raros cabeças sujas), que ele mantém como reprodutores. Aparentemente esses periquitos quadrados, que se pode chamar de mega buffs, deixaram de apresentar ombros? Não. Isso não é verdade. Os ombros das aves do Sr. Daniel, que são muito mais largos que a média, acompanham o imenso volume de penas do corpo em linha reta dos ombros até as pernas. Isso altera o aspecto do padrão ideal para o periquito inglês editado pela WBO em 2008 e adotado atualmente aqui no Brasil. Temos então uma surpreendente situação de penalidade pelo excesso e não pela falta de uma determinada qualidade.

Ainda para estimular a análise crítica dos criadores, sugiro que comparem as aves do site pessoal do Sr. Daniel, com aquelas que aparecem relatadas como campeãs dele em outros sites como o da WBO. Vejam que não há aves com problemas de caimento de penas e muito menos periquitos cabeças sujas declarados como campeões do famoso criador.

No Brasil quando o arbitro adota a cor, mesmo como critério de desempate, não agrada em nada os criadores. Vale lembrar aqui a questão dos periquitos golden faces. Apenas deveriam ser aceitos em torneios aves com duplo fator, que apresentam pouca infiltração de amarelo no corpo, ou seja, são aceitas aves com pequenos “respingos” de amarelo na cor do corpo. Esse critério claramente descrito no manual de julgamento da FOB/OBJO nunca foi respeitado por nenhum juiz brasileiro.

Surge também aqui a antiga polêmica dos periquitos cabeças sujas. Outro grande problema do plantel de aves nacional. Os criadores precisam entender que esse mal deve ser sistematicamente eliminado de seus planteis. Já se passaram 11 anos desde que me formei juiz e o problema é recorrente.

A adoção do padrão ideal editado pela WBO

em 2008 e o fato de já possuímos um manual de julgamento da FOB/OBJO, favorece aos criadores tomarem consciência do que é exigido no novo padrão. Está muito claro que os periquitos devem ter a coroa completamente limpa e os cabeças sujas devem ser severamente penalizados. Um dos critérios claramente descritos pela WBO é que uma ave cabeça suja jamais deve ser colocada em primeiro lugar na série. Essa regra falha, quando em uma série são apresentadas “todas” as aves cabeças sujas para julgamento. Então, mesmo quando um periquito cabeça suja é campeão na série não deverá concorrer entre as 10 melhores. Mas, suponho que todas as melhores fêmeas de uma exposição sejam cabeças sujas e as demais tenham estilo de periquitos comuns ou outros defeitos severos. Ocorre o mesmo que afirmei acima. Ou o juiz toma a decisão extrema de não classificar as aves em 10 melhores da exposição, ou cede à situação de escolher as melhores aves entre as piores.

Penso, porém, que hoje não se pode mais aceitar aves cabeças sujas entre as 10 melhores da exposição e muito menos um best in show com esse defeito. Desde a década de 1980, em que vi os primeiros periquitos criados em colônia em um grande viveiro, o tempo passou muito depressa. Tenho acompanhado a evolução de vários criadores de periquitos de norte a sul do Brasil e posso afirmar que há criadores que já atingiram um nível técnico muito bom.

Pessoalmente não gosto de aves cabeças sujas. É insuportável nos opalinos e pior ainda nos periquitos normais em que o problema assume maior gravidade. Comumente opalinos com pintas de colar demasiadamente grandes costumam apresentar “manchas de colar na cabeça”. Isso é um erro de seleção na linhagem dos opalinos e pode ser contornado nos acasalamentos cruzando-os com aves normais com frente totalmente limpas. Porém, periquitos com marcação de normais e ainda com cabeça suja, denotam baixo nível técnico do criador, sobretudo, se forem machos.

Por outro lado, essas aves podem e “devem” ser aproveitadas para a reprodução se tiverem alta qualidade em outros quesitos (como grande volume de penas no corpo e excepcional direcionamento de penas na cabeça), mas jamais devem ser levadas para concurso. Caso não tenham alta qualidade, devem ser prontamente eliminadas do plantel. O criador deve evitar a todo o custo cruzar duas

aves cabeças sujas e diria que manter hoje cerca de 10% de aves com cabeça suja no plantel ainda é tolerável. Na Europa trazer um periquito cabeça suja para exposição é uma imensa ofensa aos organizadores do evento e aos Juizes convidados como já afirmei antes.

Outra questão que quero esclarecer refere-se aos artigos que escrevo. Tenho mesclado minha experiência pessoal com o que tenho lido. A cada novo artigo escrito aprendo mais, pois, exige que faça novas pesquisas para oferecer aos criadores noções atualizadas de criação, genética e assuntos afins. Jamais, irei apropriar-me das ideias de autores referenciando-as como minhas. Isso vai contra a ética acadêmica e pessoal. Assim, todos os papers traduzidos ou fontes consultadas sempre serão alvo de citação nas referências dos artigos.

Muitos criadores têm solicitado meus textos e são tantos os pedidos que não consigo atender a todos que pedem. Inclusive, devido ao passar do tempo, algumas informações exigem revisão obrigatória. Tenho coletado muitas novas informações nos últimos anos seja através de comunicações pessoais, consultas em novas fontes e novas experiências. Mas, após terminar a série de artigos que estou escrevendo, pretendo reuni-los em um livro completo e atualizado que poderá ser adquirido pelos criadores interessados.

O próximo artigo vai abordar as asas cinzas e já está pronto. A seguir vou escrever sobre os faces amarelos do tipo I, do tipo II e os gonden faces. As três variedades possuem características genéticas bem diferentes e podem ser cruzadas entre si o que causa grande confusão entre os criadores.

Para finalizar as reflexões aqui apresentadas, é importante lembrar que mesmo sendo naturalmente competitivos e por esse motivo escolher um hobby que envolve concorrer uns com os outros, devemos limitar nossa competição a mesa de julgamentos.

Queremos criar aves perfeitas, embora isso não deva ser motivo de desânimo. Ao nos unirmos seremos mais fortes e poderemos desenvolver muito mais o hobby que tanto apreciamos. Apesar de estarmos dispersos em um país continental há meios de nos comunicarmos efetivamente, trocar experiências e cultivarmos a verdadeira camaradagem.

Boa sorte a todos.